

RISCO

Noite e neblina

CARLITO AZEVEDO

Num texto merecidamente famoso, Vilém Flusser diz que há os que se interessam pela neblina, onde as coisas mal se distinguem umas das outras, e os que se interessam por dissipar a neblina e dar a ver as diferenças que distinguem as coisas. Mas, quer se assumia esta ou aquela postura, o que não se pode negar é que tu-

do é neblina, ela é nosso contorno espiritual, e simplesmente não há um fora-da-neblina. A memória, Eros, a morte, a tradição, a família, as agendas são pura neblina. Beijos? Neblina. O trabalho poético e em artes plásticas de Leila Danziger luta contra a neblina, sabendo que é a luta mais vã. Organizar a morte em carimbos, agendas, números, metros? A vida também? Por quê? Guimarães Rosa diria: para convocar uma ne-

gatividade. Já John Ashbery está no lado oposto, o da indeterminação: "flutuamos/sobre os nossos sonhos como se numa barcaça feita de gelo/atravessados por perguntas e por fissuras de luz estelar". Em comum, justamente isso: vivem atravessados por perguntas. Em Kombis hiperrealistas de 1970 ou em barcaças de gelo cruzando o rio dos sonhos, sempre estaremos aqui para perguntar. E quando não mais? •

Protocolo de mudança

1
Desejo apenas o que há de mais inútil em seus arquivos certificados de garantia de todos os eletrodomésticos obsoletos manual da Kombi de 1970 pocket books (tantas capas de naufrágios) dezenas de fitas magnéticas com camadas de ruídos em tempo longuíssimo.

Leio 30 anos de nossas vidas em fichas de débitos e créditos e estou ali — no centro — de seus mundos em extinção.

Recolho promessas não realizadas em sua língua da infância calcinações do solo perdido e prospectos intactos na língua renascida (que é matéria incandescente).

Reviro blocos de décadas cuja integridade se rompe ao meu contato e entendo — brinco de céu e inferno com os objetos sou o Além das coisas remotas.

2
Solto as páginas das agendas líbero os dias embaralho semanas, meses, anos modelo a massa do tempo que foi seu — entre 1921 e 2011 — um intervalo colossal de eternidade humana.

Misturo minhas agendas às suas extensões de branco sobre branco e reservas de futuros intactos projetam-se para além do fim dos tempos que teve início em trinta e um de dezembro ou cinco de Tevet.

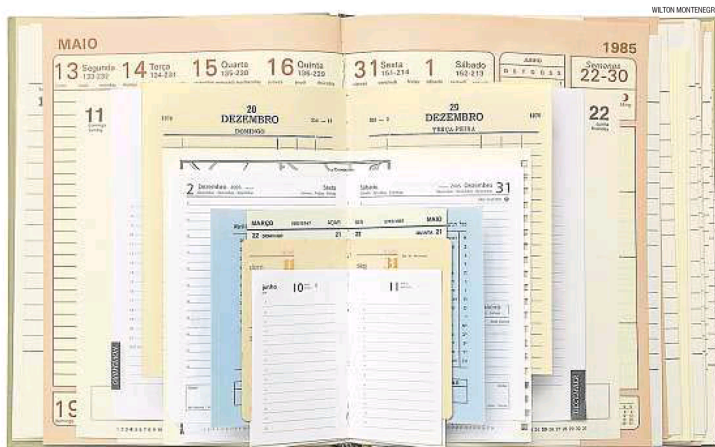
[Indiferente, a gata atravessa calendários e adormece em maio de 1972.]

3
Desfaço o apartamento. O quarto dos fundos era a pátria.

Guardo intacta a lembrança das varandas que se fecharam antes de meu nascimento com divisórias complacentes permeáveis ao mundo

tudo vaza para o interior e janelas-fantasma insistem em enquadrar a lembrança do oceano.

Poema de Leila Danziger



Leila Danziger.

"Todos os dias" (2014), obra criada com 365 páginas de agendas de diferentes anos encadernadas. O trabalho integra a exposição coletiva "Asas a raízes", que será inaugurada em 17 de janeiro de 2015 na Caixa Cultural Rio de Janeiro, sob curadoria de Sonia Salcedo.

A tradução é necessária

Meu duplo erótico

Ele diz que não está com vontade de trabalhar hoje. Tudo bem. Aqui na sombra detrás da casa, ao abrigo dos ruídos da rua, pode-se reparar toda sorte de sentimento antigo, descartar uns, guardar outros.

Os jogos de palavras entre nós se tornam muito intensos quando há menos sentimentos no meio confundindo as coisas. Outra rodada? Não, mas sempre as últimas coisas que você escolhe dizer são encantadoras, e me resgatam antes que a noite o faça. Nós flutuamos sobre os nossos sonhos como se numa barcaça feita de gelo, atravessados por perguntas e por fissuras de luz estelar que nos mantêm acordados, pensando sobre os sonhos enquanto eles acontecem. Que ideia. Foi você quem disse. Eu disse mas posso ocultar que disse. Mas prefiro não fazer isso. Obrigada. Você é uma pessoa muito agradável. Obrigado. Você também é.

Poema de John Ashbery
Tradução de Ada Morandi